



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA 2023 – MOBA 2023

EDITAL Nº 09/2022 – COPERPS, DE 02 DE DEZEMBRO DE 2022

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

15 DE JANEIRO DE 2023

ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Artes Visuais; Cinema e Audiovisual; Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Dança; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa; Língua Inglesa; Libras; Língua Portuguesa; Museologia; Música; Produção Multimídia e Teatro.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTES.

- 1 Confira se o **Boletim** que você recebeu corresponde à área e ao curso no qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 O **Boletim de Questões** consistirá de **40 (quarenta) questões de múltipla escolha**, sendo **10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de Literatura, 10 (dez) questões de Filosofia e 10 (dez) questões de História**. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por **(A), (B), (C), (D) e (E)**, das quais apenas uma é correta.
- 3 Confira se, além deste **Boletim**, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 4 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala. O **Cartão-Resposta** só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 5 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o **Cartão-Resposta** que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo. Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do **Cartão-Resposta**.
- 6 No **Cartão-Resposta** não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas. A marcação do **Cartão-Resposta** deve ser feita com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**.
- 7 O **Cartão-Resposta** será o único documento considerado para a correção. O **Boletim de Questões** deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 8 A Prova Objetiva terá **início às 14h e término às 17h**, observado o horário de Belém – Pará.
- 9 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova. Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o **Boletim de Questões** e o **Cartão-Resposta**, e assinar a lista de presença.
- 10 O(A) candidato(a) poderá levar o Boletim de Questões quando faltar 30 minutos para o término das provas.
- 11 Os(As) três últimos(as) candidatos(as) devem permanecer na sala de aplicação de prova até que os(as) três considerem concluídas suas provas, com obediência do horário de término da prova.

Boa Prova!



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto base para as questões de 1 a 10.

Opinião



Regina Augusto

Diretora Executiva do Cenp e Curadora de Conteúdo do Women to Watch

- 01 **A TIRANIA DA MERITOCRACIA**
- 02 A ética do vencer pelo próprio esforço, que marca a meritocracia, reforça a responsabilidade individual
- 03 por nosso destino e pelo que recebemos
- 04
- 05 22 de agosto de 2022 – 6h00
- 06
- 07 Um dos hábitos adquiridos na pandemia foi o de ouvir podcasts e assistir quase que de forma
- 08 compulsiva séries em plataformas de streaming. Claro que eles já faziam parte do meu dia a dia antes
- 09 de 2020, mas ganharam nova escala na minha dieta informacional ao longo dos últimos dois anos. A
- 10 consequência perversa disso é que acabei diminuindo o meu ritmo de leitura, pois o dia continua tendo
- 11 24 horas – talvez a única certeza que temos atualmente.
- 12 Exatamente por isso, nem sempre a leitura de livros acompanha o ritmo dos lançamentos. Uma das
- 13 obras que estava na minha pilha já há um bom tempo e que só neste último mês consegui dar cabo de
- 14 finalizá-la é “A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?” (Record, 2020), do filósofo
- 15 norte-americano Michael J. Sandel. Ao combinar linguagem acessível com profundidade analítica, o
- 16 autor faz uma radiografia importante dos labirintos das sociedades capitalistas contemporâneas.
- 17 “Você consegue, se tentar.” Para Sandel, esse mantra tão arraigado na cultura liberal é o responsável
- 18 pela escalada populista e conservadora nos Estados Unidos e no mundo. No livro, o autor descreve
- 19 como a meritocracia que marca moralmente a sociedade, dividindo-a entre vencedores e perdedores,
- 20 se tornou central nos países anglo-saxões, especialmente nos Estados Unidos. Logo na introdução,
- 21 Sandel aborda o escândalo de 2019 que revelou um esquema de fraudes para ingressar em
- 22 universidades de elite dos Estados Unidos, como Yale, Stanford, Georgetown e a Universidade do Sul
- 23 da Califórnia (USC). Esse caso é emblemático das consequências da cultura meritocrática, de sua
- 24 relação com a desigualdade crescente e de como o mérito individual não pode estar desvinculado de
- 25 fatores além do nosso controle (renda e cuidado familiar, por exemplo).
- 26 O autor traça uma história moral do mérito, mostrando como essa ideia está conectada a visões
- 27 religiosas, como a ética protestante do trabalho enquanto responsável pelo destino. O privilégio
- 28 aristocrático foi substituído pela ideia de mérito, que parte do pressuposto de que os indivíduos são
- 29 premiados por seus esforços e habilidades, e não em razão da condição social de nascimento. No
- 30 entanto, Sandel argumenta que as elites descobriram como passar suas vantagens adiante, o que
- 31 acabou convertendo a meritocracia em uma aristocracia hereditária que legitima as desigualdades.
- 32 “Se meu sucesso é obra minha, algo que ganhei por meio do talento e trabalho duro, posso me orgulhar
- 33 disso, confiante de que mereço as recompensas que minhas conquistas trazem. Uma sociedade
- 34 meritocrática, então, é duplamente inspiradora: afirma uma poderosa noção de liberdade e dá às
- 35 pessoas o que ganharam para si mesmas e, portanto, merecem. Embora seja inspirador, o princípio
- 36 do mérito pode tomar um rumo tirânico, não apenas quando as sociedades não permitem que seja
- 37 cumprido, mas também – especialmente – quando o fazem. O lado sombrio do ideal meritocrático está
- 38 embutido em sua promessa mais sedutora, a promessa de autorrealização pessoal. Essa promessa
- 39 vem com um fardo difícil de suportar. O ideal meritocrático coloca grande peso na noção de
- 40 responsabilidade pessoal.”
- 41 O argumento central de Sandel é de que as elites construíram a ideia meritocrática de que com trabalho
- 42 árduo e talento qualquer pessoa pode ascender socialmente. Logo, o mérito fica intrinsecamente ligado



43 aos critérios utilizados para avaliar sucessos e fracassos na sociedade. A promessa meritocrática —
44 marcante no ideal do “sonho americano” — era a de que o esforço individual resultaria em uma
45 mobilidade social maior e mais justa.
46 Ao mesmo tempo, a ética do vencer pelo próprio esforço, que marca a meritocracia, reforça a
47 responsabilidade individual por nosso destino e pelo que recebemos. Por causa disso, a sociedade vê
48 as pessoas que não alcançam o sucesso ou não ascendem socialmente como “fracassadas” e
49 responsáveis pelo seu próprio infortúnio, de modo que isso desencadeia uma política de humilhação
50 dos “perdedores” e arrogância dos “vencedores”.
51 [...]

Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/opiniao/a-tirania-da-meritocracia>. Acesso em: 08 dezembro 2022.

- 1** A partir da leitura do texto, é correto afirmar que
- (A) para a autora do texto *A tirania da meritocracia*, o lema *Você consegue, se tentar* é o responsável pela escalada populista e conservadora nos Estados Unidos e no mundo.
 - (B) a autora Regina Augusto descreve como a meritocracia se tornou central nos países anglo-saxões, especialmente nos Estados Unidos.
 - (C) a *Diretora Executiva do Cenp e Curadora de Conteúdo do Women to Watch* denuncia, em sua obra, um escândalo de 2019 que revelou um esquema de fraudes para ingressar em universidades de elite dos Estados Unidos, como Yale, Stanford, Georgetown e a Universidade do Sul da Califórnia (USC).
 - (D) o principal objetivo da autora do texto é criticar certos hábitos advindos com a pandemia, como ouvir podcasts e assistir séries em plataformas de streaming, os quais têm como consequência perversa a diminuição do ritmo de leitura.
 - (E) Regina Augusto apresenta considerações acerca da obra *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?*, do filósofo norte-americano Michael J. Sandel, o qual, segundo a autora, faz uma radiografia importante dos labirintos das sociedades capitalistas contemporâneas.
- 2** De acordo com as pistas apresentadas no texto, é possível caracterizá-lo como um artigo, publicado em meio digital, em que a autora, Regina Augusto, tem por finalidade apresentar sua opinião acerca de um determinado assunto. A alternativa em que consta uma dessas pistas que revelam a intencionalidade discursiva da autora de emitir sua opinião é
- (A) o título *A tirania da meritocracia*, que deixa inequívoca a ideia de que o texto pretende apresentar a visão da autora acerca de hábitos que se popularizaram durante a pandemia, tais como ouvir podcasts e assistir séries em plataformas de streaming.
 - (B) a apresentação do cargo de *Diretora Executiva do Cenp e Curadora de Conteúdo do Women to Watch*, imediatamente abaixo do nome da autora do texto, que deixa clara a intenção de defender a ideia de que a meritocracia é um conceito moral e ético, conectado a visões contemporâneas e positivas.
 - (C) a utilização de linguagem não verbal, por meio da apresentação da foto da autora do texto, que é uma marca necessária a qualquer texto que tenha por finalidade emitir uma opinião acerca de determinado assunto.
 - (D) a presença de passagens em que a autora se expressa na primeira pessoa do singular, como em *Claro que eles já faziam parte do meu dia a dia* (linha 08) [...] ou [...] *acabei diminuindo o meu ritmo de leitura* (linha 10) [...], em que se observa a intenção da autora em imprimir sua subjetividade no texto, sua visão acerca de um dado assunto.
 - (E) a presença de passagens na primeira pessoa do singular, como em *Um dos hábitos adquiridos na pandemia foi o de ouvir podcasts* (linha 07) [...] ou *Essa promessa vem com um fardo difícil de suportar. O ideal meritocrático coloca grande peso na noção de responsabilidade pessoal* (linhas 38 a 40) [...], em que fica evidente a opinião pessoal da autora do texto.



- 3** No fragmento *O argumento central de Sandel é de que as elites construíram a ideia meritocrática de que com trabalho árduo e talento qualquer pessoa pode ascender socialmente. Logo, o mérito fica intrinsecamente ligado aos critérios utilizados para avaliar sucessos e fracassos na sociedade, o conectivo sublinhado introduz a ideia de*
- (A) adição de informação, com relação àquilo que foi dito anteriormente.
 - (B) alternância ou presença de mais de uma opção a ser considerada, com relação àquilo que foi dito anteriormente.
 - (C) conclusão relativa àquilo que foi dito anteriormente.
 - (D) explicação relativa àquilo que foi dito anteriormente.
 - (E) contrariedade ou oposição com relação àquilo que foi dito anteriormente.
- 4** Sobre o fragmento *Embora seja inspirador, o princípio do mérito pode tomar um rumo tirânico* (linhas 35 e 36) [...], é correto afirmar que a utilização do(da)
- (A) verbo “pode” atribui um caráter de incerteza, com relação àquilo que se enuncia.
 - (B) verbo “pode”, no tempo presente, enfatiza que o evento enunciado é dado como certo.
 - (C) verbo “tomar”, no tempo presente, enfatiza que o evento enunciado é dado como certo.
 - (D) expressão “pode tomar”, no tempo presente, enfatiza que o evento enunciado é dado como certo.
 - (E) verbo “pode” atribui um caráter de certeza, com relação àquilo que se enuncia.
- 5** Sobre a expressão sublinhada no fragmento *Claro que eles já faziam parte do meu dia a dia antes de 2020, mas ganharam nova escala na minha dieta informacional* (linhas 08 e 09)[...], é correto afirmar que
- (A) corresponde a um uso denotativo da linguagem, uma vez que compara figurativamente a aquisição de informações por parte do enunciador do texto com uma dieta, algo consumido rotineiramente.
 - (B) corresponde a um uso conotativo da linguagem, uma vez que compara figurativamente a aquisição de informações por parte do enunciador do texto com uma dieta, algo consumido rotineiramente.
 - (C) corresponde a um uso figurativo da linguagem, uma vez que se emprega a figura de linguagem metonímia.
 - (D) corresponde a um uso figurativo da linguagem, uma vez que se emprega a figura de linguagem prosopopeia.
 - (E) corresponde a um uso literal da linguagem, uma vez que se emprega uma expressão em seu sentido real, dicionarizado.
- 6** No fragmento *O privilégio aristocrático foi substituído pela ideia de mérito, que parte do pressuposto de que os indivíduos são premiados por seus esforços e habilidades, e não em razão da condição social de nascimento* (linhas 27 a 29), o termo sublinhado se refere à expressão
- (A) privilégio aristocrático.
 - (B) ideia de mérito.
 - (C) os indivíduos.
 - (D) seus esforços.
 - (E) condição social de nascimento.



- 7** No fragmento [...] *acabei diminuindo o meu ritmo de leitura, pois o dia continua tendo 24 horas* (linhas 10 e 11) [...], não é possível a mudança de ordem entre as orações separadas por vírgula sem afetar o sentido do enunciado. Observa-se o mesmo fenômeno em
- (A) “Você consegue, se tentar.” (linha 17)
(B) “Ao combinar linguagem acessível com profundidade analítica, o autor faz uma radiografia importante dos labirintos das sociedades capitalistas contemporâneas”. (linhas 15 e 16)
(C) “Se meu sucesso é obra minha, [...] posso me orgulhar disso [...]”. (linhas 32 e 33)
(D) “Embora seja inspirador, o princípio do mérito pode tomar um rumo tirânico [...]”. (linhas 35 e 36)
(E) “[...] as elites descobriram como passar suas vantagens adiante, o que acabou convertendo a meritocracia em uma aristocracia hereditária [...]”. (linhas 30 e 31)
- 8** No fragmento [...] *o autor faz uma radiografia importante dos labirintos das sociedades capitalistas contemporâneas* (linhas 15 e 16), o termo sublinhado é empregado em sentido figurado. A expressão que, de modo denotativo, mais apropriadamente substituiria o termo em questão, sem alteração de sentido, é
- (A) leitura.
(B) orientação.
(C) análise.
(D) arguição.
(E) crítica.
- 9** Do ponto de vista de sua organização, o fragmento do texto em que consta uma passagem narrativa é
- (A) [...]o dia continua tendo 24 horas – talvez a única certeza que temos atualmente (linhas 10 e 11).
(B) Por causa disso, a sociedade vê as pessoas que não alcançam o sucesso ou não ascendem socialmente como “fracassadas” e responsáveis pelo seu próprio infortúnio (linhas 47 a 49).
(C) Exatamente por isso, nem sempre a leitura de livros acompanha o ritmo dos lançamentos (linha 12).
(D) Uma das obras que estava na minha pilha já há um bom tempo e que só neste último mês consegui dar cabo de finalizá-la é “A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?” (linhas 12 a 14) [...].
(E) Ao mesmo tempo, a ética do vencer pelo próprio esforço, que marca a meritocracia, reforça a responsabilidade individual por nosso destino e pelo que recebemos (linhas 46 e 47).
- 10** Considerando o contexto em que foram empregados, a alternativa em que os termos sublinhados estabelecem uma relação semântica de hiperonímia/hiponímia, respectivamente, é
- (A) [...] *esse mantra tão arraigado na cultura liberal é o responsável pela escalada populista e conservadora nos Estados Unidos e no mundo* (linhas 17 e 18).
(B) [...] *o dia continua tendo 24 horas* [...] (linhas 10 e 11).
(C) *Uma das obras que estava na minha pilha já há um bom tempo e que só neste último mês consegui dar cabo de finalizá-la é “A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?”* (linhas 12 a 14).
(D) O privilegio aristocrático foi substituído pela ideia de mérito [...] (linhas 27 e 28).
(E) [...] *o autor descreve como a meritocracia que marca moralmente a sociedade, dividindo-a entre vencedores e perdedores, se tornou central [...]* (linhas 18 a 20).



LITERATURA

- 11** Leia o poema XI do “Guardador de rebanhos”, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável, mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.¹

A partir do poema e do que você sabe sobre Alberto Caeiro, assinale a alternativa correta:

- (A) A força lírica do poema está assentada sobre a musicalidade das rimas regulares.
- (B) O poema representa a superioridade da arte sobre a natureza.
- (C) Caeiro propõe que não há necessidade de um piano para quem sabe ouvir os sons da natureza.
- (D) Pessoa critica a burguesia portuguesa de seu tempo, que destrói a natureza, corta árvores e polui rios para fabricar objetos fúteis como os pianos.
- (E) O texto é o que se costuma chamar poema em prosa, pois prescinde de estrofes e usa linguagem simples e clara.

- 12** Leia o famoso último parágrafo das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.²

Acerca desse parágrafo, é possível concluir:

- (A) Ao enunciar o “pequeno saldo” que teve ao fechar o balanço da vida, o narrador expressa seu otimismo em relação à humanidade.
- (B) Sendo o capítulo composto por “negativas”, expressa-se nele o saldo negativo alcançado pelo narrador defunto, que não logrou nada do que planejou.
- (C) Apesar de ser considerado um romance realista, as descrições abundantes e detalhadas encontradas no excerto revelam um estilo que mais se aproxima do movimento romântico.
- (D) O trecho revela o apreço do narrador ao trabalho, já que “não comprar o pão com o suor do rosto” foi elemento que lhe roubou o sentido da vida.
- (E) Ao explicitar que o saldo de sua existência foi a não transmissão da “miséria humana” aos descendentes, o narrador reforça o pessimismo que atravessa todo o romance.

¹ PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 213.

² ASSIS, MACHADO. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, v. 1, p. 639.



13 Leia a cantiga trovadoresca de Julião Bolseiro³ (B 1176, V 782).

Aquestas noites tan longas
que Deus fez en grave dia
por mi, por que as non dormio,
e por que as non fazia
no tempo que meu amigo
soía falar comigo?

Por que as fez Deus tan grandes,
non poss' eu dormir, coitada!
e de como som sobejas
quisera-m' outra vegada
no tempo que meu amigo
soía falar comigo.

Porque as Deus fez tan grandes,
sen mesura e desiguaaes,
e as eu dormir non posso?
por que as non fez ataes,
no tempo que meu amigo
soía falar comigo?

Acerca dessa cantiga, é correto afirmar:

- (A) Trata-se de uma cantiga de amor, em que a jovem opõe a longa duração da noite, quando seu namorado está ausente, à curta duração, quando está presente.
- (B) Trata-se de uma cantiga de amor, em que o rapaz, afastado da amada por uma aventura marítima, queixa-se a Deus pelas noites infinitas que os separam.
- (C) Trata-se de uma cantiga satírica, que ironiza o poder de Deus de controlar a duração da noite e determinar o sono do amante.
- (D) Trata-se de uma cantiga de amigo, em que a jovem se queixa da insônia e da longa duração da noite por ocasião da ausência do namorado.
- (E) Trata-se de uma cantiga de amigo, em que o jovem soldado tematiza a amizade e as longas noites atravessadas com os companheiros nos campos de batalha.

Glossário:

Aquestas: estas

Grave: infeliz

Dormio: durmo

Soía: costumava

Sobejas: excessivas

Vegada: vez

Mesura: medida

Ataes: tais; de tal maneira

³ Fonte: Projeto Littera – Universidade Nova de Lisboa [<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1206&pv=sim>]



14 Leia o trecho de “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa.

Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade.⁴

No excerto, percebe-se

- (A) o respeito extremado da personagem pelo pai, que foi viver no rio para sempre, em sua canoa, mas nunca deixou de ser referência de ancestralidade para o filho.
- (B) a revolta do jovem ribeirinho diante do abandono do pai, que nunca lhe ensinara nada de bom, o que o obrigava a mentir por vergonha.
- (C) a linguagem peculiar de Guimarães Rosa, que, ao mesmo tempo em que imita as falas populares, recria novidades a partir dela, o que situa o escritor na primeira geração do Modernismo brasileiro.
- (D) uma ocorrência razoável de desvios da norma culta, o que revela a formação modesta de Guimarães Rosa, que apesar disso foi aceito no cânone brasileiro por sua capacidade de representar a língua do povo.
- (E) o desconforto da personagem em relação ao abandono da família pelo pai que, como em tantas histórias brasileiras, decide partir e construir uma nova vida com outra mulher.

15 Leia a estrofe de Gregório de Matos Guerra e assinale a alternativa correta.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.⁵

- (A) A estrofe expressa a visão barroca, pessimista, acerca da passagem cruel do tempo.
- (B) O poema conclama, como é frequente no Arcadismo, para que se aproveite a vida, num tópico conhecido como *Carpe diem*.
- (C) O trecho revela a inspiração romântica do poeta, desolado com a morte da amada.
- (D) O poeta escolhe os versos brancos para expressar as contradições típicas do Barroco.
- (E) A estrofe se estrutura sobre antíteses a fim de evidenciar a assimetria entre a metrópole portuguesa e o Brasil colonial.

⁴ ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio. Ficção completa*. V. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 412.

⁵ MATOS, Gregório de. *Antologia poética de Gregório de Matos*. São Paulo: Ediouro, 1991, p. 84.



16 Leia o trecho de “Embargo”, de José Saramago.

Olhou o relógio. Deviam estar à frente uns vinte carros. Nada de exagerado. Mas pensou que o melhor seria ir primeiramente ao escritório e deixar as voltas para a tarde, já cheio o depósito, sem preocupações. Baixou o vidro para chamar um vendedor de jornais que passava. O tempo arrefecera muito. Mas ali, dentro do automóvel, de jornal aberto sobre o volante, fumando enquanto esperava, havia um calor agradável, como o dos lençóis. Fez mover os músculos das costas, com uma torção de gato voluptuoso, ao lembrar-se da mulher ainda enroscada na cama àquela hora, e recostou-se melhor no assento. O jornal não prometia nada de bom.⁶

A narrativa nos permite pensar no problema da literariedade, daquilo que é ou não aceito como literatura em nosso tempo, e também da distinção entre verso e prosa. Acerca dessas questões e do excerto, é possível afirmar:

- (A)** O texto é literário, já que apresenta um conjunto de fatos inventados, e a definição hegemônica que temos, hoje, limita a literatura à ficção e clássica como história tudo o que tem relação com o real.
- (B)** Se entendemos literatura como expressão verbal altamente valorizada em dado contexto histórico, o fato de ter autoria de um ganhador do Nobel, como Saramago, é forte indício de que a narrativa é literária.
- (C)** O texto mais se aproxima do verso do que da prosa, já que o que determina sua estruturação é o ritmo e a sucessão de imagens com relações lógicas fluidas entre si.
- (D)** Ao focalizar o episódio banal de um homem que busca um posto de gasolina onde abastecer seu carro, em meio a um embargo de petróleo internacional, o texto se configura como reportagem jornalística, não como narrativa literária.
- (E)** O caráter alegórico da obra, em que um carro ganha vida própria e passa a dirigir as ações de seu motorista, permite enquadrá-la como poema em prosa.

⁶ SARAMAGO, José. Embargo. *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 37.



17 Leia o trecho do poema VI, pertencente ao *Navio negreiro*, de Castro Alves.

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...⁷

A partir da leitura das estrofes e do que você sabe sobre Castro Alves e sua participação no movimento romântico brasileiro, é correto afirmar:

- (A) O poema expressa o ideal nacionalista da primeira geração romântica, revelado pela valorização da bandeira brasileira, o “auriverde pendão”.
- (B) A referência à mortalha, no último verso, permite enquadrar o poema na segunda geração romântica, obcecada pelo tema da morte.
- (C) As aliterações presentes em um verso como “a brisa do Brasil beija e balança” revelam a forte influência que Castro Alves sofreu dos poetas simbolistas brasileiros.
- (D) As estrofes denunciam a vergonha que representava, para o próprio país, o tráfico de escravos, o que revela a filiação condoreira do poeta.
- (E) O apelo recorrente a figuras mitológicas, como as bacantes e as musas, permite filiar o poema ao Arcadismo.

⁷ ALVES, A. F. de Castro. O navio negreiro. *Poetas românticos brasileiros: Castro Alves*. São Paulo: Livraria do Centro, 1963, p. 216-217.



- 18** Leia o poema “Lenda brasileira”, incluído no livro *Libertinagem*, de Manoel Bandeira, publicado originalmente em 1930 e assinale a alternativa correta.

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

- Deus me perdoe!

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.⁸

- (A) A linguagem cotidiana e popular, o caso tratado como notícia, revelam o ambiente urbano e futurista valorizado pela primeira geração do Modernismo brasileiro.
- (B) Como outros poemas de *Libertinagem*, este também lança mão de um ritmo mais prosaico e deixa às escolhas lexicais e às imagens o papel de imprimir força poética ao texto.
- (C) O poema é exemplar de um período em que Bandeira abre mão do verso e descobre na prosa o melhor veículo para revelar o problema ambiental brasileiro.
- (D) O apelo a Deus e a vitória deste diante do encontro com o diabo – Cussaruim – denotam a profunda religiosidade que se apossou do poeta nos momentos finais de sua vida.
- (E) A cena cômica, em que um Jararaca se defronta com um Veado Branco e o desfecho é surreal, permite classificar o texto como “poema-piada”, gênero típico da fase simbolista de Bandeira.

- 19** Leia as duas primeiras estrofes do soneto XIV, de Cláudio Manuel da Costa.

Quem deixa o trato pastoril, amado,
Pela ingrata, civil correspondência,
Ou reconhece o rosto da violência,
Ou do retiro a paz não tem provado.

Que bem é ver nos campos, trasladado
No gênio do pastor, o da inocência!
E que mal é no trato, e na aparência
Ver sempre o cortesão dissimulado!⁹

Acerca desse soneto, é possível sustentar:

- (A) Os versos do poeta árcade expressam a valorização da vida inocente do campo em oposição àquela dissimulada da cidade.
- (B) As estrofes identificam o pastor como alguém “ingrato” na forma de tratar, sem paz, mas inocente.
- (C) O poema tematiza o *Carpe diem* horaciano, propondo que se aproveite a vida pastoril enquanto há tempo.
- (D) O eu-lírico, apesar da violência reconhecida na vida da cidade, valoriza a civilidade e a cortesia que imperam ali.
- (E) O eu-lírico, feminino, queixa-se do amado, que o abandonou quando trocou o campo pela cidade.

⁸ BANDEIRA, Manoel. *Estrela da vida inteira*. 12ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 108.

⁹ COSTA, Cláudio Manuel. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 57.



- 20** O episódio histórico do assassinato de Inês de Castro, tantas vezes recuperado na literatura portuguesa, foi também incorporado por Camões ao canto III de sua epopeia, *Os Lusíadas*. Leia a estrofe 131 desse canto.

Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co o ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrifício se oferece.¹⁰

Com base na leitura da estrofe acima, assinale a alternativa correta:

- (A) A estrofe de 7 versos, também conhecida como redondilha menor, descreve o momento em que Inês de Castro se conforma com a morte.
- (B) Como representante do renascimento da epopeia durante a fundação dos estados modernos na Europa, *Os Lusíadas* é hegemonicamente composto por versos eneassílabos, heroicos, e sem rimas (verso branco), como preconizavam os modelos clássicos.
- (C) O poeta, no episódio, narra uma passagem da guerra de Troia, em que Aquiles é descrito como guerreiro furioso que não tem remorsos em condenar Inês de Castro e sua filha, a jovem Policena.
- (D) O recurso frequente a figuras da mitologia clássica, como Policena e Aquiles, além da sintaxe latinizada, com longas inversões, denuncia o modelo greco-romano seguido por Camões.
- (E) A estrofe, um dos exemplos mais marcantes da lírica camonianiana, descreve a serenidade com que Policena se entrega a Aquiles em uma noite de amor, mesmo sob a reprovação da mãe.

FILOSOFIA

- 21** “A lógica é a ciência *mais difícil*; não tem a ver com intuições, nem sequer, como a geometria, com representações sensíveis abstratas, mas com abstrações puras, e exige uma força e o hábito de se retirar para o puro pensamento, o reter e nele se mover”

(HEGEL, F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 89).

Em relação ao que afirma Hegel, analise as conclusões seguintes.

- (A) A lógica, por sua independência da intuição das coisas reais, tem as características de uma ciência especulativa.
- (B) A lógica, diferente do entendimento que tem a finalidade de unificar fenômenos, tem por objeto a essência da coisa-em-si ou do noumenon.
- (C) A lógica, diferente das ciências que têm o método ligado à observação ou à certeza do cálculo, é um saber hermenêutico.
- (D) A lógica, como nos explica Hume em sua teoria da associação de ideias, constitui-se como um padrão puro de pensamento gerado a partir do hábito.
- (E) A lógica é a ciência das ações do pensamento puro em separado de qualquer conteúdo.

¹⁰ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Manaus: Valer, 2012, p. 128.



22 Em *Crítica da razão pura*, Kant faz a seguinte afirmação: “Para o conhecimento das coisas, a categoria não possui nenhum outro uso além de sua aplicação a objetos da experiência”

(KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, B 145).

Com base nessa afirmação, analise as conclusões seguintes.

- I. Para Kant, há uma diferença fundamental entre pensar e conhecer um objeto.
- II. Sem as categorias as ciências jamais nos proporcionariam juízos de percepção das coisas.
- III. É necessário que os conteúdos da nossa percepção estejam de acordo com as formas do pensamento para que digamos que eles são objetos de uma experiência.
- IV. A aplicabilidade das categorias aos objetos atesta sua origem em nossos juízos de percepção.
- V. As categorias correspondem ao único modo de pensar em que, segundo Kant, nossos juízos não se distinguem de nossas intuições.

Estão corretas

- (A) I, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) II e IV, somente.
- (E) II, III e V, somente.

23 “O positivismo apareceu inicialmente nas *ciências sociais*, na medida em que propunha a adoção de um método inerente a uma ação empírico-analítica do comportamento, orientado conforme o modelo da ciência analítica normativa, fundada na representação da ação. A pretexto de uma autonomia ante os juízos de valor, confirma-se nessa área de pesquisa próxima à *práxis* a recepção pela ciência moderna da herança legada pelo surgimento do pensamento teórico na filosofia grega: psicologicamente, o cultivo de uma autossuficiência teórica e, epistemologicamente, a separação entre conhecimento e interesse”

(HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 302).

Com relação ao positivismo nas ciências sociais, analise as afirmativas seguintes.

- (A) O positivismo é, para aqueles que têm na ciência analítica o modelo mais importante de conhecimento, o único método possível às ciências sociais.
- (B) Por meio do positivismo, defende-se a ideia de que, para as ciências sociais serem independentes do modelo analítico, a única alternativa que elas têm é sua autonomia frente aos valores de nossos juízos teóricos.
- (C) Para o autor, o positivismo tem seu germe no pensamento teórico da filosofia grega.
- (D) O positivismo é uma doutrina cientificista que prega a neutralidade ideológica nas teorias sociais.
- (E) A pesquisa da práxis humana só é possível, epistemologicamente falando, se houver autossuficiência teórica.



24 Referindo-se às fontes de nossas ideias, Descartes escreve em *Meditações*: “... umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a faculdade de conceber o que é aquilo que geralmente se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza; mas se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até o presente julguei que estes sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim; e enfim parece-me que as sereias, os hipogrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções de meu espírito”

(DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 101-102).

A partir dessa passagem, analise as seguintes afirmativas acerca da concepção cartesiana de ideia.

- I. Pode ter sua origem nas impressões que abstratamente emanam das coisas.
- II. A base de determinadas ideias são sentimentos pelos quais concebemos as coisas.
- III. O poder de conceber ideias está em nossa natureza.
- IV. Independentemente de uma ideia ter sua fonte nos sentidos, no entendimento ou na imaginação, são sempre ações do nosso espírito.
- V. Inicia com os sentimentos, passa então à imaginação e culmina na faculdade de conceber.

Estão corretas

- (A) I e IV, somente.
- (B) III e IV, somente.
- (C) II e IV, somente.
- (D) III e V, somente.
- (E) IV e V, somente.

25 Admite-se que as principais doutrinas morais compõem duas matrizes bem determinadas e distintas, uma denominada “ética da felicidade” e a outra “ética da virtude” ou do dever. Referente a esse tema, há uma passagem em *A república*, de Platão, em que, após descrever a figura do tirano para Glauco, Sócrates lhe propõe: “Agora, assume o papel de juiz supremo e emite o teu parecer sobre quem, na tua maneira de pensar, é o primeiro quanto à felicidade, e quem é o segundo, e classifica por ordem os outros cinco: o homem régio, o timocrático, o oligárquico, o democrático e o tirano/ É muito fácil, respondeu [Glauco]. Classifico-os pela ordem de entrada dos coros em cena, conforme sejam suas relações com a virtude e o vício, a felicidade e seu contrário/ [Sócrates] Então, lhe perguntei, precisamos alugar um arauto, ou proclamarei aqui mesmo ter decidido o filho de Aristão que o melhor e mais justo é também o mais feliz, a saber, o que for mais régio em tudo e reinar em si mesmo, e o pior e mais injusto, o mais infeliz, vindo a ser este o de temperamento mais tirânico e que tiraniza ao máximo a si mesmo e à cidade?”

(PLATÃO. *A república*. Belém: EDUFPA, 2000, 580 b-c).

Com base nas duas teorias morais e na passagem acima, analise as seguintes afirmativas sobre Platão.

- I. Para ele, o dever é a condição da felicidade.
- II. Para ele, é necessário definir com clareza o que em nós corresponde à ética da felicidade e o que corresponde à ética da virtude.
- III. Ele é quem estabelece o critério para a distinção entre ética da felicidade e ética da virtude.
- IV. Para ele, a felicidade está na virtude do autogoverno.
- V. Para ele, tendo em vista a ordem que vai do homem régio ao tirano, o homem democrático é o tipo mais próximo à infelicidade.

Estão corretas

- (A) I, somente.
- (B) II e IV, somente.
- (C) I, III e IV, somente.
- (D) IV e V, somente.
- (E) I e IV, somente.



26 Em *Para a crítica da economia política*, Karl Marx, referindo-se à vida em sociedade, organizada por meio de regras, afirma: “na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo geral de vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”

(MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 129-130).

Acerca desse extrato, analise as inferências seguintes.

- I. Para Marx, a vida em sociedade impõe ao homem necessidades que se sobrepõem aos seus desejos como leis objetivas.
- II. A forma jurídica por meio da qual o Estado se organiza, a partir da emergência da produção capitalista da vida social, só pode ser explicada a partir das relações materiais.
- III. A consciência social e política, assim como as obrigações objetivas a que ela está atrelada, pode ser deduzida dos meios de produção.
- IV. As condições sociais das relações de existência põem o indivíduo diante de escolhas conscientes e determinadas.
- V. Ações socialmente definidas como necessárias supõem a ideia de vontade social determinada.

Estão corretas

- (A) I, somente.
- (B) I, II e III, somente.
- (C) I e V, somente.
- (D) III e IV, somente.
- (E) I e II, somente.

27 Em sua obra *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, Walter Benjamin se propõe como tarefa investigar o conceito romântico de crítica de arte, estabelecendo os elos do movimento, iniciado em fins do século XVIII, na Alemanha, com a tradição filosófica, em particular, com Fichte e Kant. Ao delimitar seu problema, Benjamin escreve: “Uma determinação do conceito de crítica de arte é impensável sem alguns pressupostos gnosiológicos como também sem pressupostos estéticos; não só porque estes últimos implicam os primeiros, mas, sobretudo, porque a crítica contém um momento cognoscitivo; e isso tanto se nós a tomamos por um conhecimento puro como se a consideramos ligada a valorações”

(BENJAMIN, W. Barcelona: Edicions 62, 1988, p. 29).

Essa passagem tem por fim

- (A) apontar a raiz filosófica e reflexiva do romantismo alemão.
- (B) apontar para a tese de que até o conhecimento puro supõe valores como sua base.
- (C) defender a objetividade dos princípios por meio dos quais compreendemos a arte.
- (D) equiparar o conceito de crítica de arte ao conceito de crítica ao conhecimento.
- (E) criticar a separação kantiana entre os domínios do conhecimento e da arte.



28 Em seu *Ensaio sobre o gosto nas coisas da natureza e da arte*, Montesquieu afirma que somos capazes de “diferentes prazeres da alma que formam os objetos do gosto, tais como o belo, o bom, o agradável, o ingênuo, o delicado, o terno, o gracioso, o *não sei quê*, o nobre, o grandioso, o sublime, o majestoso, etc. Por exemplo, quando sentimos prazer em ver uma coisa que nos é útil, dizemos que se trata de uma boa coisa; quando sentimos prazer em vê-la, embora sem nela distinguir alguma real utilidade, a dizemos bela”

(MONTESQUIEU, *O gosto*. São Paulo, Iluminuras, 2005, p. 11).

Do exposto, no que se refere ao belo, analise as afirmativas seguintes.

- I. O gosto é o que nos liga a um objeto por meio do sentimento.
- II. O gosto não pode admitir a mediação do intelecto na representação de um objeto.
- III. O gosto é o prazer em tão somente contemplar um objeto.
- IV. O gosto é a representação do objeto sem nenhuma finalidade.
- V. O gosto é uma forma abstrata de percepção dos objetos.

Estão corretas

- (A) I, II, III e IV, somente.
- (B) I e II, somente.
- (C) III e V, somente.
- (D) I e III, somente.
- (E) II, III e V, somente.

29 Para os modernos que refletiram sobre o fenômeno da arte, como Rousseau em *Carta a D’Alembert*, Kant em *Crítica da faculdade de julgar* e Hegel em seus *Cursos sobre estética*, diferente dos domínios teórico e prático da filosofia, a chamada “experiência estética” exige uma atitude intelectual que nos põe fora de qualquer contexto objetivo de ajuizamento. Por isso, como escreve Carlos Alberto Nunes em sua “Introdução ao Íon”, de Platão, “os mais conceituados poetas eram incapazes de explicar suas criações e de dar a razão de ser de como haviam chegado a produzi-las” (NUNES, C. A., In PLATÃO. *Íon/Menexo*. Belém: ed.ufpa, 2020, p. 25-26). Do ponto de vista dos filósofos acima referidos, isso não nos impede de atingir um certo acordo acerca do valor comum dos objetos de arte e seus efeitos sobre quem os aprecia, por mais difícil que nos seja expressar esse sentimento com a precisão de um conceito. Para Platão, por exemplo, o dom que reconhecemos na arte dos poetas advém das Musas, que “deixam os homens inspirados, comunicando-se o entusiasmo destes a outras pessoas, que passam a formar cadeias de inspirados”

(PLATÃO. *Íon/Menexo*. Belém: ed.ufpa, 2020, 533 E).

Essa peculiaridade do domínio artístico que leva Platão a falar em inspiração ao invés de razão para caracterizar a comunicação estética entre os homens, nos permite chegar a algumas conclusões. Em relação a essas conclusões, analise as afirmativas seguintes.

- I. A nossa percepção subjetiva dos objetos de arte impossibilita em nós qualquer consenso.
- II. A comunicação de nossas ideias sobre o objeto artístico só permite um compartilhamento subjetivo de impressões.
- III. A arte, indo além do além do domínio teórico e prático da filosofia, mostra-se como o âmbito mais especulativo e indeterminado da nossa reflexão.
- IV. A base de nossos juízos sobre a arte são sentimentos e não conceitos.
- V. A arte compõe um meio comum privilegiado para o nosso conhecimento.

Estão corretas

- (A) I, somente.
- (B) I e II, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) II e IV, somente.
- (E) III e V, somente.



30 Kant escreve, no Prefácio à *Religião nos limites da simples razão*: “A moral enquanto está fundada sobre o conceito do homem como um ser livre, que pelo fato mesmo de ser livre se liga ele mesmo por sua razão a leis incondicionadas, não necessita nem da ideia de outro ser acima dele para conhecer seu dever, nem de outro motivo impulsor que a lei mesma para observá-lo”

(KANT, I. *La religión dentro de los límites de la mera razón*. Madrid: Alianza Editorial, 1986, p. 19).

Com base nesse trecho, analise as afirmativas seguintes.

- I. O homem se mostra moralmente livre quando obedecer às regras objetivas e impessoais do Estado sob o qual vive.
- II. No caso de a moralidade não se fundar na liberdade, a ação humana dependerá da autonomia de sua pessoa.
- III. A liberdade moral, ligada à razão, independe de qualquer condição, Estado ou Nação.
- IV. A ação por temor da vontade de Deus não é moral.
- V. A necessidade de agir por dever é condição negativa da vontade moral.

Estão corretas

- (A) I e II, somente.
- (B) II e IV, somente.
- (C) III e IV, somente.
- (D) III, IV e V, somente.
- (E) II, III e V, somente.

HISTÓRIA

31 Em Atenas do séc. V a.C., Tucídides hesita em dar crédito aos poetas; entre outras razões, porque o que dizem os poetas não se pode comprovar, e com o passar do tempo prevalece nos poemas o aspecto mítico. Em outras palavras, os poetas narram casos que jazem num passado remoto, de que não restam testemunhas nem vestígios que os comprovem, mas cresce a fama que os engrandece. Por outro lado, Tucídides propõe-se narrar casos contemporâneos, e não antigos, justamente porque estes casos se oferecem à vista dos homens, de modo que neles há testemunhas diretas.

(Texto adaptado de Marcos Martinho dos Santos. Editorial. Letras clássicas. N. 6, 2002, p. 9. Link:

<https://repositorio.usp.br/bitstreams/82fc14de-0217-49ee-b2c6-4770d4213d6d> . Acessado em 10/12/2022).

O trecho anterior discute a relação entre mito e história na cidade estado antiga grega de Atenas. Nesta relação, o historiador grego Tucídides expunha sua posição, porque neste período antigo os poetas e historiadores

- (A) tinham ideias semelhantes sobre como relatar o passado, ambos acreditavam que prevaleceria no passado o aspecto mítico.
- (B) divergiam quanto ao estudo do passado, os poetas acreditavam que o passado engrandecia o povo grego e os historiadores argumentavam que casos contemporâneos eram mais verdadeiros, pois eram testemunhados.
- (C) concordavam que o estudo do passado cabia tanto ao historiador quanto ao poeta, pois era útil histórica e mitologicamente.
- (D) discordavam sobre o valor da história, já que em Atenas antiga o mito prevalecia, mesmo entre os radicais historiadores.
- (E) concordavam parcialmente, já que para historiadores como Tucídides apenas a história explicava o passado remoto e o contemporâneo.



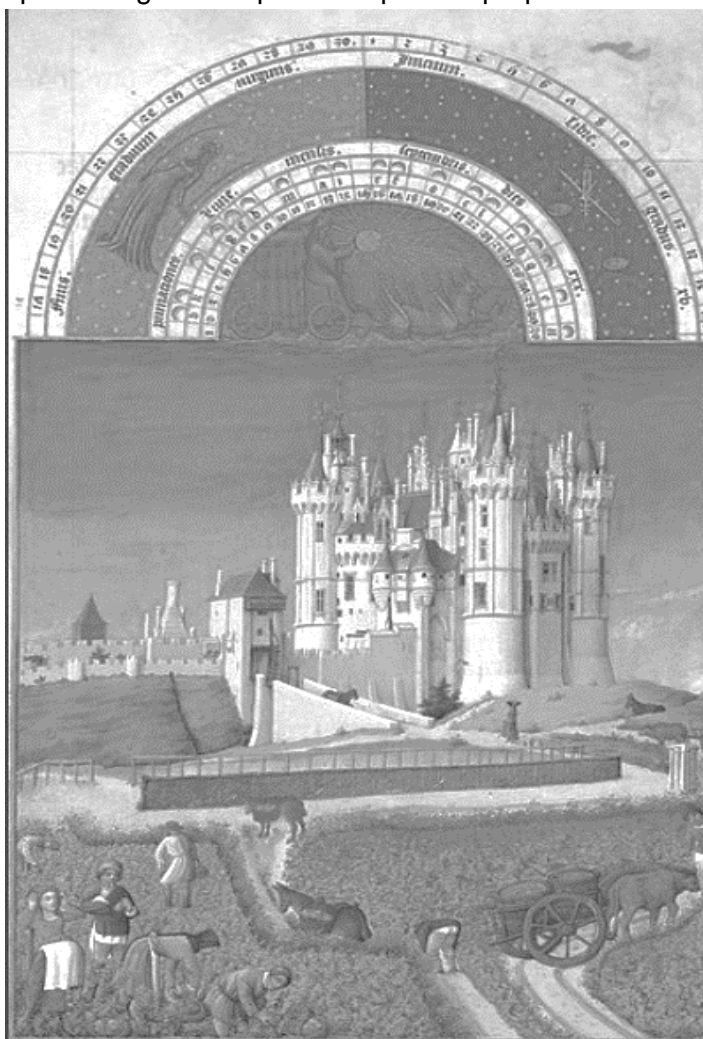
32 As iluminuras são ilustrações presentes em manuscritos medievais e representam inúmeras cenas do cotidiano da época atrelando-o sobretudo à cultura cristã. Se no medievo europeu as culturas letradas e iletradas pareciam tão distantes e diferentes, por isso mesmo se intensificou o uso da fórmula das iluminuras que se tornaram como que uma “bíblia dos iletrados”. Com base em uma importante correspondência do papa Gregório Magno escrita no ano 600, recuperaram-se três principais funções deste tipo de imagem: ensinar, lembrar e comover.

(Texto adaptado. VISALLI, Angelita Marques; GODOI, Pamela Wanessa. Estudos sobre imagens medievais: o caso das iluminuras. *Diálogos*, v. 20, n. 3, p. 129, 2016, p. 129. Link: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33666> Acessado em 10/12/2022).

O trecho anterior demonstra a função social das iluminuras no medievo europeu. Sobre as relações de poder representadas neste tipo de ilustrações, é correto afirmar que elas seriam a “bíblia dos iletrados” porque ensinavam os mais

- (A) pobres e analfabetos as práticas da alta cultura católica letrada que traduzia e interpretava a bíblia.
- (B) ricos e letrados a se aproximarem dos mais pobres e iletrados, porque a linguagem da arte é universal, unindo os dois lados.
- (C) simples e pouco letrados, daqueles estudiosos e eruditos medievais que viviam contestando as máximas da bíblia e criando heresias populares.
- (D) expropriados e sem teto a se conformarem com sua condição social, por serem iletrados e pagãos.
- (E) humildes e pobres a serem solidários e generosos para com os padres, bispos e papa católicos e por serem condutores únicos do catolicismo.

33 Observe a imagem que se segue e responda à questão proposta sobre a estrutura social medieval.



Setembro: colheita das uvas. Ao fundo o Castelo de Saumur. As riquíssimas horas do duque de Berry. (Les très riches heures du duc de Berry), calendário ilustrado cerca de 1410. In Raymond Cazelles. *Illuminations of Heaven and earth. The glories of the Très riches heures de duc de Berry*. Editora Harry N. Abrams Publishers, New York: 1988.

Na figura anterior, tem-se uma página de um calendário, ou livro de “horas” medieval. Trata-se do mês de setembro, associado à colheita das uvas na propriedade do Duque de Berry. Pela imagem e seus conhecimentos sobre a Idade Média, os trabalhadores medievais eram caracterizados por servos e servas

- (A) que trabalhavam para os senhores feudais, podendo ser vendidos e comprados pela vontade senhorial dos donos dos castelos como o duque de Berry.
- (B) contratados por nobres como o duque de Berry durante a época de plantação e colheitas das uvas, sendo mal remunerados e maltratados por esta elite.
- (C) tipo de trabalhadores vinculados à terra e submetidos ao regime de vassalagem com o pagamento de tributos em troca de proteção de nobres como o duque de Berry.
- (D) submetidos ao regime de escravização voluntária e presos por dívidas a proprietários poderosos e muito influentes nas vilas e cidades medievais como era o caso do duque de Berry.
- (E) rudes e analfabetos que viviam em regime análogo à escravidão em terras de homens poderosos na Idade Média como o Duque de Berry, sempre próximos aos reis medievais absolutistas.



34 O rei absolutista Filipe II (1527-1598) era mais do que governante da Espanha e dos territórios na América hispânica, também dominou Portugal e suas colônias na América, África e Ásia (1581-1598), foi rei de Nápoles e Sicília (ambos de 1554) e *jure uxoris* rei da Inglaterra e Irlanda (durante seu casamento com Maria I de 1554 a 1558). Ainda também foi duque de Milão e, a partir de 1555, senhor dos Países Baixos em terras hoje tidas por holandesas e belgas. Reinando de 1554 até sua morte em 1598, seu reinado caracterizou-se por um absolutismo ibérico marcado pelas seguintes características:

- (A) Forte teor religioso com perseguição aos judeus e pagãos europeus e tolerância aos ateus do novo mundo.
- (B) Grande perseguição aos ricos judeus em todos os territórios por eles dominados e tolerância aos judeus mais pobres.
- (C) Centralização do poder político nas mãos do monarca e enorme capacidade de negociação com as potências europeias.
- (D) Forte centralização de poder político e religioso, com a perseguição generalizada aos povos não falantes do Espanhol e Latim.
- (E) Combinação de fervor católico, expansionismo territorial e perseguição inquisitorial na Europa e no novo mundo.

35 Os estudos sobre o Egito Antigo hoje se interligam àqueles sobre a “anterioridade africana”. Todavia, analisando o tratamento concedido ao Egito Antigo em seis livros didáticos do ensino fundamental, identifica-se uma situação bastante homogênea de referências. Dos seis livros observados, apenas um cita explicitamente, no texto apresentado aos leitores, o fato de que aquela antiga civilização do Nilo pertencia ao continente africano. Os outros manuais, mesmo que veiculando mapas, nos quais o Egito é representado no nordeste africano, não fazem conexão direta entre a África e essa civilização. Nesses casos, a “grande civilização do Nilo” aparece relacionada ao Crescente Fértil e não aos espaços africanos.

(Texto adaptado. Anderson Oliva. Uma história esquecida. A abordagem da África Antiga nos manuais escolares de História: estudos de caso no Brasil e em Portugal (1990-2005). Em *Tempo de Histórias - PPG-HIS/UnB*, n.12, Brasília, 2008, p. 184).

O texto anterior analisa um tipo de omissão comum em manuais didáticos do ensino fundamental no Brasil e em Portugal. Ele quase não associa a anterioridade africana aos estudos sobre o Egito antigo. Esta omissão revela a(o)

- (A) falta de conhecimento dos autores dos livros didáticos de história sobre as novas pesquisas históricas que ligam o Egito ao continente africano.
- (B) desconhecimento e a falta de estudos históricos e recentes sobre o continente africano e suas diversas etnias.
- (C) presença de um racismo estrutural nos textos e argumentos de muitos autores de livros didáticos, por meio do qual se valoriza a cultura egípcia antiga como ancestralidade da civilização europeia.
- (D) presença de preconceito étnico e racial particularizado contra os povos do Egito Antigo, normalmente associados aos povos inferiores e com crenças astrológicas.
- (E) desconhecimento e a pouca valorização da cultura egípcia antiga por parte dos autores destes manuais, com atrelamento do continente africano com a fome e guerras contemporâneas.



36 “Estava o padre Antônio Pereira por então missionário de *Gurupatyba e Tapajoz*, onde fez uma coisa digna de seu grande zelo e foi esta: que, guardando os índios *Tapajoz* o corpo mirrado de um de seus antepassados, que chamavam *Monhangarypy*, quer dizer primeiro pai, lhe iam fazendo suas honras com suas ofertas e danças já desde muitíssimos anos, tendo-o pendurado debaixo da cumieira de uma casa, como a um túmulo em modo de caixão”.

(Padre João Felipe Bettendorff. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p.353-354).

O trecho do relato apresentado anteriormente é de um missionário jesuíta que esteve na região hoje conhecida como Amazônia brasileira no final do século XVII e procurou descrever em suas crônicas como os padres jesuítas regulavam as práticas católicas em suas missões. Para o cronista padre Bettendorff, o ato do padre jesuíta Antonio Pereira era digno, porque dava aos antepassados indígenas um enterro “em modo de caixão” em túmulo cristão. Esta explicação jesuítica era parte de uma luta cultural e religiosa na qual as práticas dos nativos como os “Tapajoz” deveriam ser

- (A) contestadas, já que o catolicismo era a religião oficial do Império lusitano e os jesuítas eram divulgadores incontestes desta fé absolutista, fazendo túmulos e construindo igrejas em nome de seu rei, e suas missões eram, simultaneamente, católicas e régias.
- (B) extintas, pois os padres jesuítas pregavam o extermínio das religiões de matriz indígena e a implantação da fé católica e da língua portuguesa, símbolos colonialistas de poder e dominação a serem exercidos com ferro e fogo.
- (C) remoldadas, pois os jesuítas acreditavam que os indígenas deviam ser moldados como ceras moles. Teriam que “superar” suas crenças, vistas como superstições/barbarismos e aceitar o cristianismo com enterramentos feitos em terra santa cristã “em modo de caixão”.
- (D) incorporadas às práticas cristãs, porque os padres jesuítas acreditavam que as crenças e mitos dos povos indígenas eram parte de sua cultura e mesmo suas formas de enterramentos eram parte de um processo pedagógico sem traumas, no qual a doutrina católica viria com o tempo.
- (E) incorporadas ao cristianismo absolutista lusitano, porque os padres jesuítas, como féis seguidores da monarquia católica, tinham que transformar os indígenas em trabalhadores, pouco se importando com a exterioridade de suas antigas crenças.

37 Observe o mapa holandês da América que se segue e responda à questão proposta.



Jodocus Hondius. América. *Atlas de Mercator-Hondius*. Edição holandesa de 1606. Retirado do site da Oregon History Project, Link: <https://www.oregonhistoryproject.org/articles/historical-records/map-of-the-americas-1606/>. Acessado em 10 12 2022.

Entre os quarenta mapas compostos por Jodocus Hondius para a edição de 1606 do *Atlas do Mercator-Hondius*, (aquele sobre a “América”) é interessante por retratar cenas que vão de uma visão moderna e comercial até outra mítica e ancestral. Neste amplo terreno, pode-se perceber em “América” a presença

- (A) do real e moderno comércio atlântico, mas ainda recuperar composições míticas.
- (B) da moderna arte de navegação a vela, mas ainda a continuidade de navegação a remo e práticas alimentares indígenas.
- (C) das práticas ancestrais de navegação com barcos a remo e os modernos barcos a vela, ou tratando dos místicos povos indígenas que deveriam ser dominados e cristianizados.
- (D) da ancestral visão mística da América, com seus monstros marinhos e superstições, convivendo pacificamente com a moderna tecnologia que unia os saberes indígenas.
- (E) do real e do imaginário místico, com uma navegação moderna feita tanto a remo quanto a navegação motorizada.



- 38** A conjuração baiana de 1798 teve muitos nomes e significados desde o século XVIII. Para a historiadora Patrícia Valim, trata-se de uma história que iria do conceito de sedição étnica, “sedição dos mulatos” para José Venâncio de Seixas (1798), ao de revolução/conjuração/inconfidência dos alfaiates com participação popular para autores como Caio Prado Júnior (1961), Kátia Mattoso (2004) e István Jancsó (1996). Sabendo que cada conceito histórico está ligado a uma época, seus jogos políticos e memória histórica, pode-se entender que estas mudanças de significados para o movimento na Bahia de 1798 são parte das articulações entre a memória e a história, nas quais a escrita histórica encarregou-se de
- (A) resumir o movimento, no intuito de diminuir as dúvidas e tornar verdadeiros as análises históricas, deixando de lado todos os preconceitos étnicos, julgando-o assim revolucionário e popular.
 - (B) ampliar os estudos para revelar o que realmente ocorreu em 1798, julgando e condenando os escritos antigos por seus preconceitos e buscando escrever uma nova e revolucionária história.
 - (C) alargar as bases sociais do evento, originalmente ligadas aos alfaiates/mestiços, invertendo com o tempo os polos, transformando uma sedição em revolução popular e criando um evento pátrio e simbólico que instrumentaliza reflexões do passado no presente.
 - (D) diminuir as dúvidas do passado e criar certezas históricas desvinculadas do passado memorialístico e mítico em que os historiadores – repletos de preconceitos sociais e políticos – julgavam os fatos do passado.
 - (E) aumentar os estudos críticos de modo a criar uma história repleta de versões que caracterizam a diversidade social do mundo contemporâneo. Assim, hoje pode-se aceitar todas as versões históricas dos fatos, desde aquelas do século XVIII até a dos nossos dias.

- 39** Na formação de Angola, no século XVII, muitas guerras foram travadas pelos colonizadores (portugueses e holandeses) para aumentar o fluxo do tráfico negreiro para a América. A rainha NzingaMban-di era a líder da resistência do povo do Ndongo. Durante a invasão holandesa em Angola (1641-1648), Nzinga apoiou os holandeses e, neste período, viveu seguindo os ritos e leis Jagas, sendo inimiga dos portugueses. Houve depois o trabalho de “reconversão” desta soberana ao cristianismo, que seria sinônimo de melhorias no tráfico. Todavia neste processo Nzinga deixou registrado que seriam os portugueses os culpados pela guerra e, no acordo de paz de 1656, ficou claro que não se tratava de um tratado de vassalagem, sendo, acima de tudo, um acordo de paz. (Texto adaptado. Mariana Bracks Fonseca. Rainha nzingambandi, imbangalas e portugueses: as guerras nos kilombos de Angola no século XVII. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS [Dossiê] África: culturas, histórias e historiografia*. 23(2), 2010, <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/7657> Acessado em 10 12 2022).

Os atuais estudos sobre o tráfico negreiro para o Brasil da era moderna e colonial lusitana associam este deslocamento forçado aos estudos das sociedades africanas. Nesta associação, ganham relevo figuras como a rainha NzingaMban-di, que pode ser compreendida como uma líder que

- (A) colaborou com o tráfico negreiro atlântico e foi fiel aos lusitanos, somente durante a invasão holandesa foi forçada a deixar o catolicismo.
- (B) soube usar o interesse colonialista pelo tráfico para buscar resistir social e culturalmente.
- (C) deixou-se seduzir pela riqueza produzida pelo aprisionamento de escravizados inimigos no território tido pelos portugueses como angolano.
- (D) lutou contra o processo de escravização dos povos angolanos, fazendo acordo (ora com holandeses, ora com os lusitanos) para fingir que participava do tráfico negreiro.
- (E) mudou o rumo de seu povo, levando seus súditos a uma luta contra os colonizadores, fossem eles holandeses ou portugueses, sem trégua ou paz.



40 Nas últimas décadas, os estudos sobre a história do Brasil “colonial” viveram uma transformação. Privilegiam a circulação de pessoas, conhecimentos, modelos jurídicos, políticos e valores econômicos. Neste terreno, estuda-se: a expulsão de grupos marcados pela sua confissão (judeus especialmente) e raça (perseguição aos povos indígenas por exemplo), a migração de escravizados de matriz africana. Também se valoriza hoje a mobilidade do pessoal administrativo das monarquias europeias e os seus efeitos sociais e econômicos. De forma quase simultânea, multiplicaram-se ainda os estudos sobre informação e comunicação política, circulação da lei e da justiça.

(Texto adaptado de Gibran Bautista y Lugo Maria Fernanda Bicalho. Êxitos e fracassos: a circulação de pessoas, práticas e conhecimentos nos mundos ibéricos, séculos XVI-XVIII. *Revista Tempo da UFF*, Nº 28, vol. 2, Maio-Agosto 2022. Link: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2022v280207> Acessado em 11 12 2022).

Pelo trecho anterior e por seus conhecimentos sobre o período da história moderna do Brasil e da colonização lusitana, é correto refletir que atualmente os estudos históricos se transformaram porque passaram a analisar os

- (A)** povos mais pobres e escravizados no lugar dos ricos proprietários, já que faltam estudos sobre os oprimidos.
- (B)** trabalhadores escravizados de matriz africana em detrimento dos trabalhadores indígenas, já que estes escravizados eram em maior número e influência.
- (C)** pobres e ricos de forma equilibrada, discutindo assim a exploração colonial e decolonial em contraponto à circulação da justiça, relegada a um segundo plano.
- (D)** diversos agentes coloniais, desde pobres, expropriados e escravizados, até os nobres da terra e proprietários, juristas e pessoal administrativo europeu.
- (E)** múltiplos agentes sociais e políticos, privilegiando o associativismo e a resistência e lutas coloniais, com pouco espaço para sociabilidades e circulação de pessoas e ideias políticas e jurídicas.